

**PROVA DE INGRESSO PARA AVALIAÇÃO DE CAPACIDADE PARA FREQUÊNCIA DO
ENSINO SUPERIOR DOS MAIORES DE 23 ANOS**

Unidades Orgânicas:

Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC)

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS)

2023/24

Componente Específica de PORTUGUÊS para o ingresso nas Licenciaturas em Educação Básica (ESEC), Ciências da Comunicação (ESEC), Línguas e Comunicação Intercultural (FCHS) e Línguas, Literaturas e Culturas (FCHS)

Este exame tem a duração máxima de 120 minutos e integra três partes, com as respetivas cotações assinaladas.

A parte I diz respeito ao texto inicial, que deverá ler com atenção.

A parte II refere-se a aspetos do funcionamento gramatical do Português.

A parte III pede-lhe que redija um texto sobre um de dois temas dados (ver especificações dadas para essa questão).

O chapéu tingido

O carro segue rente à linha branca pintada ao longo do alcatrão. Já houve tempos em que uma linha reta sem fim à vista me podia trazer ansiedade. Agora, não. Somos outros quando já não perguntamos: quando é que chegamos? Quanto tempo demora?

5 Ainda me lembro de ouvir a minha filha, repetidamente, fazer essas perguntas. Acho que nunca as fiz, mas sentia a lentidão do tempo e apressava-me a querer viver velozmente. Agora foi o tempo rápido, mais veloz do que nunca, a apanhar-nos. Há muito que esse tempo se tornou vertiginoso. Vamos cheios de pressa a lado nenhum. Por isso, faço com agrado a viagem junto à linha branca. Um guia para não deslizarmos.

10 Da janela embaciada, onde a minha respiração desenha palavras imaginárias, avisto a natureza que rebenta em força. Um ciclo novo que nos lembra a teimosia de vingar. Passamos a vida a ir abaixo e a vir à superfície. E a tantos, tantas vezes, falta a força de voltar a respirar o ar pesado. Não me lembro de em miúda ficar tão fascinada com a natureza como agora.

15 Iamos em rituais de estação apanhar girinos aos regatos transparentes. A água corria com tanta força, e entre as chuvas atirávamos as pedrinhas que replicavam o primeiro estremeção na água. Depois era o tempo dos grilos, a gaiola de plástico que talvez se comprasse na feira. A alface enfiada como combustível para o canto aprisionado. Quando íamos para a praia (a minha infância foi toda a pé), eu fixava o vento forte a assobiar nos canaviais, mas não sabia processar tudo o que via. Apenas acumulei informação que agora me traz conforto. O mesmo que me permite olhar pela janela embaciada que a manga preta de lã limpa admirando esta lição da natureza. Quando já não estivermos cá, ela continuará a insistir em crescer. Teríamos muito a aprender no convívio de mais perto com a terra. Porque a natureza nos dá grandes recados lembrando-nos de que somos dispensáveis, até pela forma como teimamos em tratá-la.

25 A janela outra vez: são milhares os pinheiros que rebentam fortes com as chuvas do Outono. No verão voltaremos a ouvir falar de “mão humana” no extermínio do que mais belo nos rodeia. Então sinto aquela aflição repetida de pensar que a natureza precisará novamente de força para vingar. Projeto-me nela. Lembro-me de quantas vezes podemos recomeçar? Até quando?

A janela embaciada tem outra vez imagens espelhadas da minha infância: a minha memória vai toda lá parar, como se tivesse saudades do que fui, mas é um engano. Prefiro-me consciente do que me rodeia, mesmo que tantas vezes a lucidez nos vinque as dores.

30 Nas últimas semanas, não paro de observar o voo dos pássaros. Bandos de asas orquestrados que me devolvem uma ideia qualquer de esperança. Acabo de concluir que é isso que a natureza me traz: esperança. Uma força bruta de querer viver independentemente das circunstâncias. Do sol. Do solo.

Agora mesmo, junto do traço longo branco, uma extensão infinita de cor salpica as árvores de folhas cheias de gotas grossas de chuva. Eu sei que as pessoas são felizes no calor, mas quando é que eu expandia a minha melancolia se não fosse agora?

O meu pai levava-me de chapéu de palha a apanhar amoras e eu voltava com o chapéu cheio, manchado, mas com as mãos a mostrarem tanta felicidade, até porque, dias depois, tudo teria brotado de novo e o chapéu tingido voltaria a dar abrigo aos frutos, às flores, aos pinhões, dos quais sinto o cheiro da resina fresca até agora, ou os cogumelos que seduziam a terra húmida multiplicando-se. Foi preciso ser crescida para perceber como amo a natureza e como as lições de vida que ela nos dá não chegam a todos.

De cada vez que uma flor nasce sem água, lembro-me de que teimarei em continuar.

(A viagem segue sem que eu nunca pergunte: quando é que chegamos?)

Inês Meneses, *Público*, 21 de novembro de 2022
<https://www.publico.pt/2022/11/21/impar/cronica/chapeu-tingido-2028499>
(adaptado)

PARTE I – 8 valores

Pergunta 1

Nas questões I, II e III escolha a alínea correta de modo a completar cada afirmação e a interpretar de forma mais precisa o texto acima transcrito (1 valor para a questão I e 0,5 para as questões II e III):

I. A imagem do chapéu tingido, que dá título ao texto de Inês de Menezes, simboliza

- a. uma memória perturbadora da infância.
- b. o seu fascínio pela exuberância vital da natureza.
- c. a crítica à falta de cuidado das crianças com a roupa que vestem.

II. Ao referir o papel da “mão humana” no extermínio do que mais belo nos rodeia” (l. 24), esta crónica denuncia

- a. a ameaça da intervenção humana sobre a conservação das espécies e ecossistemas do planeta.
- b. a destruição da natureza, em particular dos ecossistemas marinhos.
- c. os comportamentos humanos perante a sociedade e o “outro”.

III. A autora faz sucessivas referências a uma janela donde avista a natureza, indiciando que ela

- a. sempre fez muitas viagens de carro.
- b. mora no campo.
- c. se pensa no mundo a partir da observação e evocação de paisagens naturais.

Pergunta 2 (0,5 valores)

Considera que quem aqui escreve se deslumbra com o ritmo intenso e vertiginoso dos nossos dias? Comprove a sua resposta com uma passagem do texto.

Pergunta 3 (0,5 valores)

A recordação de passeios pela natureza dados em criança torna “O chapéu tingido” numa crónica nostálgica do passado?

Pergunta 4 (1 valor)

Na sua opinião, qual é o sentido da expressão “Passamos a vida a ir abaixo e a vir à superfície. E a tantos, tantas vezes, falta a força de voltar a respirar o ar pesado.” (ll. 10-11)?

Pergunta 5 (1 valor)

Por que razão a narradora refere como oportuna a expansão da sua melancolia a dado passo da viagem?

Pergunta 6 (1 valor)

Explique, por palavras suas, por que motivo “as lições de vida que ela [a natureza] nos dá não chegam a todos” (ll.40-41).

Pergunta 7 (2 valores)

Que sentido atribui ao penúltimo parágrafo (“De cada vez que uma flor nasce sem água, lembro-me de que teimarei em continuar.” (l.42)) na relação com a nota entre parênteses que encerra o texto “(A viagem segue sem que eu nunca pergunte: quando é que chegamos?)” (l.43)?

PARTE II – 4 valores (1 valor para cada pergunta, de 1 a 4)

Pergunta 1

A palavra sublinhada em “Já houve tempos em que uma linha reta sem fim à vista me podia trazer ansiedade” (ll.1-2) desempenha a função de

- a) Complemento oblíquo.
- b) Complemento direto.
- c) Modificador restritivo do nome.
- d) Complemento indireto.

Pergunta 2

No contexto em que ocorre, a palavra sublinhada “teimamos em tratá-la” (l.22) contribui para a coesão

- a) Lexical
- b) Frásica
- c) Referencial
- d) Interfrásica

Pergunta 3

Em “Quando já não estivermos cá, ela continuará a insistir em crescer” (ll. 19-20) está presente uma oração adverbial

- a) Causal.
- b) Temporal.
- c) Consecutiva.
- d) Comparativa.

Pergunta 4

Na expressão “talvez se comprasse” (l.15), o verbo está conjugado no

- a) Pretérito Imperfeito do Conjuntivo.
- b) Pretérito Imperfeito do Indicativo.
- c) Pretérito Perfeito do Conjuntivo.
- d) Condicional.

PARTE III – 8 valores

Num texto argumentativo que tenha entre 150 (cento e cinquenta) e 200 (duzentas) palavras, trate **um** dos dois itens que se seguem. No início da sua resposta, **indique aquele que escolheu**. Dê um **título expressivo** ao seu texto (título – 1 valor; texto - 7 valores).

- A- “A janela outra vez: são milhares os pinheiros que rebentam fortes com as chuvas do Outono. No verão voltaremos a ouvir falar de «mão humana» no extermínio do que mais belo nos rodeia.” (ll. 23-24). Com base na citação transcrita, redija um texto sobre a fragilidade da natureza face à intervenção do ser humano.

- B- Recorde as suas vivências, enquanto criança e estudante, e relate situações que, na sua opinião, tenham permitido perceber alguma preocupação ambiental e uma maior consciência da integração sustentável do homem no meio ambiente, com vista ao seu conhecimento e conservação.